

CORREA JÚNIOR. O pequeno romanceiro, do grande Guilherme.
A Gazeta, Campinas, 30 dez. 1957.

O "PEQUENO ROMANCEIRO", DO GRANDE GUILHERME

AQUI está, neste "Pequeno Romanceiro" — sob a inspiração das narrativas tradicionais, consubstanciadas nos romances populares portugueses do século X ao século XVI — mais uma refulgente amostra do grande e belo talento artístico do nosso Guilherme de Almeida.

Que têm estas magníficas invenções poéticas do ilustre vate paulista uma intenção filológica — a arcaizante — dizem-no as notas ao fim do elegante volume (editado pela Martins) com desenhos de Gomide e letras de Abigail.

E' obvio que tal intenção num poeta do valor de Guilherme de Almeida se converte brilhantemente em realidade.

E assim temos deliciosas invenções de métrica e rimática como estas:

A Gazeta

"Era um reino tão antigo
 Que o não sabiam lembrar
 Nem os homens por ter lido
 Ou ter ouvido falar,
 Nem os livros que escreveram
 Para fazer recordar,
 Nem as baladas dos poetas
 Que tudo sabem contar,
 Nem as folhas indiscretas,
 Nem os segredos do luar,
 Nem os géimdos das grutas,
 Nem as gargantas do mar,
 Nem os ecos faladores,
 Nem as linguas soltas do ar,
 Nem mesmo as pedras das ruínas
 Que têm sempre o que contar".

Sim, é assim que começa este "Romanceiro" do nosso grande Guilherme.

Fosse eu obedecer ao meu encantamento diante destas coisas de tão raro feitiço poético, e teria de para aqui transcrever todas as estrofes do livro.

O que seria justo, afinal, mas importuno.

Oportuno, oportuníssimo, é recomendar aos leitores que o procurem, desde já, nas livrarias.

E' livro cuja primeira edição não tardar em esgotar-se.

CORRÊA JÚNIOR
 * * *